

Como citar esse artigo:

Weber, L.N.D., Stasiack, G.R. & Brandenburg, O.J. (2003). Percepção da Interação Familiar e Auto-estima de Adolescentes. *Aletheia*, 17/18, 95-105.

PERCEPÇÃO DA INTERAÇÃO FAMILIAR E AUTO-ESTIMA DE ADOLESCENTES

Lidia Natalia Dobrianskyj Weber¹

Gisele Regina Stasiak²

Olivia Justen Brandenburg³

Resumo: A influência da família no desenvolvimento da criança e do adolescente é um foco importante de pesquisa atualmente. Para estudar a relação entre a interação familiar e a auto-estima de adolescentes, 111 alunos (13 e 14 anos), de três escolas particulares de Porto União (SC) responderam a Escala de Satisfação de Rosenberg e as Escalas de Qualidade de Interação Familiar. Os resultados mostraram que as seguintes variáveis apresentaram relação significativa e positiva com a auto-estima dos adolescentes: expressão afetiva, envolvimento, regras, reforçamento, comunicação positiva, presença de modelo parental, clima conjugal positivo e sentimentos positivos em relação aos pais. Punições inadequadas e comunicação negativa estiveram significativamente e negativamente relacionados com a auto-estima. A única exceção foi o clima conjugal negativo. Assim, um ambiente familiar adequado contribuiu com o desenvolvimento de melhor auto-estima em adolescentes.

Palavras-chaves: práticas educativas parentais; auto-estima; adolescência.

The Perception of the Family Interaction and the Adolescents' self-esteem

Abstract: The family influence on children and adolescent development is an important focus of research nowadays. To study the relation between the family interaction and the adolescents' self-esteem, 111 students (13 and 14 years old), from three private schools of Porto União (SC) answered the Rosenberg Satisfaction Scale and the Quality of Family Interaction Scales. Results showed that the followings variables presented significant and positive relation with adolescents' self-esteem: affection expression, rules, reinforcement, positive communication, presence of parenting models positive conjugal ambience and positive feelings about parents. Besides, inadequate punishment and negative communication were significantly and negatively related with adolescent's scores of self-esteem. The only exception was the negative conjugal environment. Therefore, an adequate family interaction contributed to the development of a better adolescents' self-esteem.

Keywords: Parenting practices; self-esteem; adolescence.

¹ Professora do Departamento de Psicologia e do Mestrado em Psicologia da Infância e da Adolescência da UFPR, e Doutora em Psicologia Experimental pela USP. lidia@ufpr.br

² Acadêmica do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Paraná.

³ Acadêmica do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Paraná com Bolsa de iniciação Científica do CNPq.

Há décadas, muitas pesquisas (Oliveira, Marin, Pires, Frizzo, Ravello & Rossato, 2002; Pettit, Laird, Dodge, Bates & Criss, 2001; Costa, Teixeira, & Gomes, 2000; Weber, Prado, Viezzer & Brandenburg, no prelo;) foram realizadas a fim de contribuir com as questões sobre educação infantil e estilos parentais. Esses estudos mostram que há influência significativa de estilos parentais no desenvolvimento psicossocial de crianças e adolescentes .

Os estilos parentais tiveram seus estudos a partir do trabalho de Baumrind (1966), que integrou tanto os aspectos comportamentais quanto os afetivos envolvidos na criação dos filhos. Essa autora propôs três estilos parentais: autoritativo, autoritário e permissivo. Pais autoritativos incentivam o diálogo, compartilhando com a criança o raciocínio por detrás da forma como eles agem, exercem firme controle nos pontos de divergência sem restringir a criança; já os pais autoritários modelam, controlam e avaliam o comportamento da criança de acordo com regras de conduta estabelecidas e normalmente absolutas e os pais permissivos tentam se comportar de maneira não-punitiva e receptiva diante dos desejos e ações da criança (Baumrind, 1966).

Maccoby & Martin (1983) dividiram o estilo permissivo em dois: o estilo indulgente e o negligente. Através de duas dimensões, exigência (*demandingness*) e responsividade (*responsiveness*), caracterizaram cada estilo da seguinte maneira: estilo autoritário são pais exigentes e não responsivos; estilo autoritativo são pais exigentes e responsivos; estilo indulgente são pais responsivos e não exigentes; e estilo negligente são pais não exigentes e não responsivos. Weber & cols (no prelo) ressaltam a importância de se diferenciar o estilo negligente da negligência abusiva. A negligência abusiva é considerada na literatura sobre maus-tratos como uma violência contra criança. O estilo

negligente, segundo Maccoby & Martin (1983), refere-se aos pais que não se envolvem com seus papéis de pais, restando uma mínima relação funcional entre pais e filhos.

Em 1987, Dornbusch, Ritter, Leiderman, Roberts & Fraleigh realizaram uma pesquisa na qual utilizaram os três estilos parentais da tipologia de Baumrind (1966): autoritário, autoritativo e permissivo; e destacaram a importância de o conceito da permissividade incluir os dois tipos parentais distintos (indulgente e negligente) propostos por Maccoby & Martin (1983). Estes dois estilos, junto com os estilos autoritário e autoritativo, foram medidos nos estudos de Lamborn, Mounts, Steinberg & Dornbusch (1991) ao elaborarem duas escalas: uma de responsividade, que mede o quanto o adolescente percebe seus pais como amorosos, responsivos e envolvidos; e outra de exigência, que mede o quanto os pais monitoram e supervisionam o adolescente. A combinação das dimensões permite classificar o estilo parental dos pais. Costa & cols. (2000) traduziram para o português e validaram no Brasil essas duas escalas para adolescentes e Weber & cols (no prelo).

Reppold (2002) cita diversos estudos (por exemplo, Fuligni, 1998; Glasgow, Dornbusch, Troyer, Steinberg & Ritter, 1997) que demonstram que as relações entre os estilos parentais e seus efeitos sobre o desenvolvimento dos filhos teriam uma validade 'transcontextual', estando presentes nas várias configurações familiares, étnicas, socioeconômicas. Variáveis como sexo da criança e dos pais, tipo de filiação (biológica ou adotiva), ordem de nascimento e idade dos filhos atuariam como moderadores da relação entre estilo parental e ajustamento de crianças e adolescentes (Reppold, 2002).

É importante pontuar a diferença existente na literatura vigente entre estilos parentais e práticas educativas, como já foi ressaltado por Darling & Steinberg (1993). O estilo parental é o conjunto de atitudes dos pais em relação à criança, o qual define o clima

emocional em que as práticas parentais se expressam (Darling & Steinberg, 1993). Ou seja, é uma classe de respostas dos pais mais ampla, que é comum em várias ações e momentos. Por outro lado, as práticas parentais (comportamentos socializadores, como disciplina, apoio, e comportamentos interativos pais-criança) variam entre as situações (Oliveira & cols., 2002). Dentre os vários tipos de comportamentos dos pais que podem estar funcionalmente relacionados ao comportamento dos filhos, as práticas educativas têm se destacado por constituírem comportamentos dos pais reforçados por modificações produzidas no comportamento dos filhos (Alvarenga, 2001). Esta autora também destaca que os pais tendem a utilizar essas estratégias com o objetivo de suprimir ou eliminar certos comportamentos da criança considerados inadequados ou indesejáveis e as ocorrências dos comportamentos adequados são incentivados e favorecidos.

A literatura (Deater-Deckard, Bates, Dodge & Pettit, 1996; Pettit, Bates & Dodge, 1997; Chen, Rubin, Cen, Hastings, Chen & Stewart, 1998) vem demonstrando que práticas educativas parentais punitivas estão associadas a problemas de comportamentos nas crianças, enquanto práticas que incluem aceitação, incentivo e apoio estão associadas a desenvolvimento de comportamentos adequados. Estes dois tipos de práticas podem ser identificados em dois grandes grupos: as práticas coercitivas e as práticas não-coercitivas (Alvarenga, 2001). As práticas não-coercitivas pretendem modificar o comportamento da criança por meio do uso de reforçadores positivos ou por meio da descrição de regras ou das conseqüências físicas e emocionais do comportamento para as outras pessoas; já as práticas coercitivas caracterizam-se predominantemente pela utilização de estímulos aversivos no controle do comportamento infantil (Alvarenga, 2001; Reppold, Pacheco, Bardagi & Hutz, 2002).

Reppold & cols. (2002) ressalta que outros aspectos que caracterizam a interação entre pais e filhos e que estão relacionados às práticas educativas são a inconsistência dessas práticas

e a presença de afetividade. Esta foi definida por Baumrind (1997) como a expressão emocional de amor por parte dos pais. Além disso, Reppold & cols. (2002) descreve que atualmente o modelo de influência recíproca é o mais aceito para explicar o processo de socialização, ou seja, tanto o comportamento da criança quanto práticas parentais influenciam no processo de socialização. Por exemplo, o sistema de crenças dos pais, o temperamento da criança, contexto social, a qualidade da relação do casal (Reppold & cols., 2002).

Outro conceito abordado nesse trabalho é a auto-estima. Auto-estima, segundo Rosenberg (2003), é uma orientação positiva ou negativa em direção a si, uma avaliação global de seu próprio valor. O autor fala que as pessoas motivadas a terem uma alta auto-estima têm indícios de uma auto-consideração positiva. A auto-estima é apenas um componente do auto-conceito, o qual o autor define como totalidade de pensamentos e sentimentos individuais tendo como referência a própria pessoa como um objeto. Ao lado da auto-estima, a auto-eficácia ou auto-domínio e a auto-identidade também são partes importantes do auto-conceito. Rosenberg (2003) ressalta que a auto-estima é desenvolvida através das experiências de vida de cada indivíduo. Gecas & Schwalbe (1986) descrevem a auto-estima como sendo a visão que o indivíduo tem de seu valor, capacidades, significados e sucesso.

Harter (2000, in Rocha, 2002) escreve que a auto-estima baseia-se no quanto a pessoa sente-se adequada naqueles domínios que são para ela particularmente importantes. Em trabalhos com crianças de oito a doze anos Harter identificou cinco principais domínios: competência acadêmica, competência atlética, igualdade com os pares, aparência física e conduta comportamental. Para adolescentes há mais três domínios: atração romântica, amizade próxima e competência no trabalho.

Vaux (1988) relata que a auto-estima está relacionada com interação social positiva. Klein & cols.(1996) mostram que características parentais, particularmente o estilo

controlador ou autoritário, têm relações com a auto-estima. Segundo tais autores, a auto-estima é desenvolvida dentro do contexto social que envolve família, pares e professores. Por isso, o retorno avaliativo dos pais para os filhos é a base inicial para a auto-estima e as crianças consideram importante que isso ocorra.

Estudos como de Buri (1988; 1989), Buri, Louiselle, Misukanis & Mueller (1988), Steinberg, Elmen & Mounts (1989) relatam que um estilo parental autoritativo está relacionado com uma auto-estima positiva.

Rocha (2002) descreve importantes estudiosos sobre a auto-estima, aponta inclusive suas limitações e constrói a tabela a seguir para facilitar a compreensão das diferenças e semelhanças encontradas entre os vários pensamentos.

Tabela 1 - Teorias da Auto-estima – Rocha (2002)

Autor	Abordagem	Auto-estima	Limitações
William James	Baseada na perspectiva histórica	Relacionada com valores, êxitos e competência relativa a cada indivíduo.	Tem sua base na introspecção.
Robert White	Psicodinâmica	Fenômeno evolutivo; atribui a auto-estima à conceitos de competência e efetividade do Ego.	Não pode ser verificada experimentalmente, baseia-se apenas em pressupostos teóricos de estruturas da personalidade.
Morris Rosenberg	Sócio-cultural	Atitude positiva ou negativa dado um objeto particular, o “eu”. Valor e auto-eficácia.	Auto-estima depende do meio, ou seja, a motivação individual é desconsiderada neste ponto de vista.
Stanley Coopersmith	Comportamental	Auto-estima depende dos comportamentos e da experiência. Aprendizagem é a palavra-chave.	A maior parte dos estudos ficou restrita à infância e adolescência.
Nathaniel Branden	Humanista	Auto-estima sustentada por 4 pilares básicos: grau de consciência, integridade como pessoa, vontade de aceitar a responsabilidade e auto-aceitação.	É um trabalho mais filosófico do que científico. Dirige-se principalmente a leigos que buscam a literatura de auto-ajuda.
Seymor Epstein	Cognitivo-experimental	Estrutura hierárquica baseada na organização cognitiva.	Inclina-se mais a discutir o desenvolvimento da personalidade do que a própria auto-estima.

Rocha (2002) ressalta que várias abordagens com sustentações teóricas diversas - por exemplo: psicodinâmica, sócio-cultural, humanista e comportamental - visam explicar o que é a auto-estima. Não há um consenso sobre uma definição, mas todas dizem respeito ao valor e competência de um indivíduo.

A pré-adolescência é um período em que o esforço pela autonomia é crescente (Steinberg, 1990). Um desenvolvimento normal requer que o adolescente possua um "espaço"⁴ para afirmar seu próprio senso de identidade, enquanto ainda mantém conexão com seus pais (Pettit, Laird, Dodge, Bates & Criss, 2001). A necessidade de identidade pessoal que leva o adolescente a se diferenciar de seus pais o levará, depois deste período de identificação com o grupo, a distinguir-se dele (Sánchez & Escribano, 1999).

Pettit & cols (2001) mostram que há relações significativas entre o controle psicológico e o monitoramento dos pais e o desenvolvimento dos adolescentes. Spota & Paulson (1996) estudaram as diferenças nos estilos parentais e envolvimento parental de pais e mães, as diferenças entre as percepções dos estilos parentais e envolvimento parental dos próprios pais e dos adolescentes e as mudanças nos estilos parentais e envolvimento parental entre adolescentes.

Renouf & Harter (1990) comprovaram, através de seus estudos, a correlação significativa entre a auto-estima e a depressão. Ou seja, quanto mais baixo o escore de auto-estima, mais deprimida a criança se considera. Ao observar as conseqüências das variações na auto-estima, o achado de pesquisa mais claro é que a auto-estima apresenta uma grande correlação negativa com a depressão, tanto na infância média quanto na adolescência.

Diante de todos os estudos citados, percebe-se a importância de investigar as variáveis presentes na interação entre pais e filhos, que influenciam muitos aspectos

emocionais, comportamentais, sociais, intelectuais dos filhos. Assim, a presente pesquisa buscou investigar como os adolescentes percebem sua interação familiar e relacionar os dados com a sua auto-estima deles.

MÉTODO

Participantes: Os participantes foram 111 alunos de 5 salas da 8ª série do 1º grau, de ambos os sexos, de 3 escolas particulares da região de Porto União (SC). A idade média foi de 13,41 anos com desvio padrão de 0,49. A menor idade foi de 13 anos - 65 participantes e a maior de 14 anos – 46 participantes. Sendo que 54 participantes eram do sexo feminino e 57 do sexo masculino. 125 questionários foram respondidos, mas foram considerados 111 questionários, pois 14 não tinham seus campos totalmente completados.

Materiais: Utilizou-se informes de consentimentos das escolas e de cada aluno individualmente. Os instrumentos utilizados foram:

1) Escala de Satisfação de Rosenberg (Rosenberg Self-Esteem Scale), que contém 10 questões avaliadas pelo sistema Likert de 5 pontos. O instrumento original, versão em inglês, foi elaborado por Rosenberg (1965) e se encontra disponível on-line (<http://www.bsos.umd.edu/socy/rosenberg.html>). Foi traduzido para o português por uma das pesquisadoras e apresentou alfa adequado (0,76) na presente pesquisa.

2) EQIF - Escalas de Qualidade de Interação Familiar (Weber & cols, 2003), que contém 73 questões, 72 são fechadas e avaliadas por meio de um sistema Likert de 5 pontos (entre nunca e sempre) e uma é aberta. As 72 questões são agrupadas em 12 dimensões (relacionamento afetivo, envolvimento, regras, reforçamento, punição inadequada, comunicação iniciativa dos pais, comunicação iniciativa dos filhos, comunicação negativa, clima conjugal positivo, clima conjugal negativo, modelo, sentimento dos filhos).

⁴ Palavra grifada pelo próprio autor (Pettit & cols, 2001).

Procedimentos: A Escala Satisfação de Rosenberg⁵ não necessita de uma permissão formal e explícita de uso. As Escalas de Qualidade de Interação Familiar foi concedida para uso pelos autores. Entrou-se em contato com 3 escolas e com a autorização destas e dos próprios alunos, a aplicação foi realizada coletivamente, contendo em média 25 adolescentes por grupo. Então, foi feita a análise dos dados objetivando verificar a percepção da interação familiar e auto-estima dos adolescentes.

Análise dos dados: As Escalas de Qualidade de Interação Familiar foram analisadas pelos escores totais de cada uma das 12 dimensões. Os escores totais de cada dimensão foram divididos em três categorias através dos *quartiles* 25 e 75 (1 =baixo escore; 2 = médio escore; 3 = alto escore). A Escala de Satisfação de Rosenberg foi analisada através do escore total. A variável de satisfação da auto-estima foi relacionada com cada dimensão das Escalas de Qualidade de Interação Familiar através do teste estatístico de análise de variância (ANOVA). Para analisar a relação do escore de auto-estima com gênero e idade foram usados os testes de Correlação e teste *t*. A questão aberta não foi analisada com critérios, apenas foi utilizada para ilustrar alguns exemplos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados mostram que a relação da percepção de satisfação da auto-estima com a idade não foi estatisticamente significativa ($r=0,068$; $p>0,05$), nem com o sexo ($t=0,833$; $p>0,05$).

Em geral, observou-se que as relações estabelecidas entre a variável de satisfação de Rosenberg e as dimensões das Escalas de Qualidade de Interação Familiar foram todas significativas, com exceção do clima conjugal negativo. As 12 dimensões da EQIF foram

⁵ Esta autorização está expressa no documento obtido em 03 de junho de 2003 no Word Wide Web: <http://www.bsos.umd.edu/socy/rosenberg.html>.

divididas em três categorias: a categoria 1 refere-se aos escores baixos de cada dimensão (baixo escore de relacionamento afetivo, baixo escore de envolvimento, baixo escore de regras e assim por diante); a categoria 2 refere-se a escores médios e a categoria 3 refere-se a escores altos das dimensões de interação familiar. A Tabela 2 informa quais foram as médias dos escores de auto-estima para cada uma das três categorias das 12 dimensões da EQIF.

Tabela 2: Escores médios de Satisfação de Rosenberg, encontrados em cada uma das dimensões das Escalas da EQIF, comparados pelo teste ANOVA e pela prova de Múltiplas Comparações de Tuckey.

Dimensões	Média de auto-estima para cada categoria:			F	p
	1-baixo escore da dimensão	2-médio escore da dimensão	3-alto escore da dimensão		
Relacionamento Afetivo*	33,81	37,48	41,08	16,092	0,000
Envolvimento	34,38 ^{a,b}	37,77 ^b	39,92 ^a	8,938	0,000
Regras*	34,11	37,47	40,58	10,818	0,000
Reforçamento*	34,20	37,55	41,00	11,627	0,000
Punições Inadequadas	39,77 ^a	37,48 ^b	33,67 ^{a,b}	9,938	0,000
Comunicação Positiva – iniciativa dos pais	33,32 ^{a,b}	38,24 ^b	39,63 ^a	12,749	0,000
Comunicação Positiva – iniciativa dos filhos	34,91 ^{a,b}	37,65 ^b	40,00 ^a	6,848	0,002
Comunicação Negativa	38,79 ^a	37,88 ^b	34,04 ^{a,b}	6,664	0,002
Clima Conjugal Positivo	35,68 ^a	37,15	39,54 ^a	3,432	0,036
Clima Conjugal Negativo**	38,00	37,84	34,60	3,107	0,051
Modelo	34,34 ^{a,b}	37,46 ^b	40,23 ^a	9,243	0,000
Sentimento dos Filhos	34,83	37,48 ^a	39,67 ^a	6,172	0,003

a, b= houve diferença significativa entre tais categorias

** houve diferença significativa entre as três categorias*

*** houve diferença significativa entre as três categorias*

Os resultados apresentados na Tabela 2 serão discutidos em seguida. Para ilustrar e completar a análise quantitativa de dados, serão descritas algumas frases dos participantes, que foram colocadas na questão aberta da EQIF.

A relação entre a dimensão Relacionamento Afetivo e a Escala de Rosenberg mostra que os adolescentes com alto relacionamento afetivo familiar apresentaram maior auto-estima ($F=16,092$; $p<0,001$). Houve diferença significativa entre as três categorias da dimensão relacionamento afetivo nessa análise. Ou seja, pais que expressam seus sentimentos (dar beijos, abraços, alegria etc.), demonstram orgulho e valorizam seus filhos apresentam comportamentos que são importantes na construção da auto-estima dos adolescentes. Essa presença de afetividade foi definida por Baurind (1997) como a expressão emocional de amor por parte dos pais. Também, o relacionamento afetivo está relacionado com o processo de socialização descrito por Reppold (2002). Ou seja, o relacionamento afetivo influencia tanto o comportamento da criança quanto práticas parentais e, conseqüentemente, o processo de socialização.

Os adolescentes com alto envolvimento dos pais apresentaram maior auto-estima e os adolescentes com baixo envolvimento dos pais, menor auto-estima ($F=8,938$; $p<0,001$). As diferenças significativas foram entre as categorias de baixo escore e médio escore de envolvimento e entre as categorias de baixo escore e alto escore de envolvimento. Um participante (13 anos) escreveu: *“Os meus pais são os melhores pais do universo para mim, pois me ajudam sempre nos momentos difíceis de minha vida e sempre me aconselham a fazer a coisa certa e é por isso que eu amo minha mãe e meu pai”*. Essa frase permite que se identifique o apoio dos pais quando o filho tem algum problema e como esse envolvimento é imprescindível ao sentimento do filho. Assim, pode-se dizer que o envolvimento dos pais está relacionado com a dimensão *responsividade* de Maccoby e Martin (1983).

A apresentação de limites e monitoria dos comportamentos (dimensão Regras) são descritas como muito frequentes pelos adolescentes que apresentaram escore mais alto de auto-estima ($F=10,818$; $p<0,001$), havendo diferença significativa entre as três categorias da

dimensão regras. Pais que acompanham as obrigações, os acontecimentos e dão conselhos aos filhos, desempenham uma prática educativa significativa para a auto-estima. É importante ressaltar que essa dimensão “Regras” relaciona-se com práticas não-coercitivas, uma vez que elas pretendem modificar o comportamento da criança por meio da descrição de regras ou das conseqüências físicas e emocionais do comportamento para as outras pessoas (Reppold, Pacheco, Bardagi & Hutz, 2002) e não através de estímulos aversivos como as práticas coercitivas (Alvarenga, 2001). Mesmo assim, limites podem ser compreendidos como aversivos pelos adolescentes, como mostra o depoimento: de um participante de 14 anos: “às vezes eles são muito bregas não querem deixar eu sair. Nada a ver isso”.

Um outro escore elevado de auto-estima esteve presente no grupo de adolescentes com alta freqüência reforçamento dos pais, ou seja, recebimento conseqüências positivas deles ($F=11,627$; $p<0,001$). As três categorias da dimensão mostraram diferença significativa entre elas. Desta maneira, os pais que mostram alegria, elogiam, mostram-se carinhosos quando o filho faz alguma coisa legal ou cumpre as suas obrigações estão contribuindo na construção de boa auto-estima do adolescente, pois esta está relacionada, segundo Vaux (1988), com a interação social positiva. Pesquisas mostram que o retorno avaliativo dos pais para os filhos é o início da auto-estima e é importante para quem o está recebendo. Enfim, reforçar um comportamento é perceber o que o outro fez de adequado e verbalizar ou comportar-se nesse sentido a fim de que o adolescente possa ter subsídios do meio para possuir uma avaliação global própria mais satisfatória.

Há ainda outras relações significativas entre auto-estima e práticas educativas. Os adolescentes com escore menor de auto-estima foram os que apresentaram alto escore em punições inadequadas ($F=9,938$; $p<0,001$). Por outro lado, tem-se o resultado de que maior auto-estima foi relacionada com baixa apresentação de conseqüências punitivas

inadequadas pelos pais. Houve diferença entre as categorias de médio e alto escore e entre as categorias de baixo e alto escore de punição inadequada. Os pais que brigam ou batem nos filhos por coisas sem importância, sem eles terem feito nada de errado ou mesmo se tiverem feito estão influenciando na construção de uma auto-estima insatisfatória, pois não está sendo uma interação social positiva. Ainda, pais que descarregam nos filhos quando estão com problemas, costumam reagir diferente toda vez que o filho não cumpre com uma determinada obrigação, costumam castigar num dia e não no outro, estão influenciando negativamente a auto-estima dos filhos.

A comunicação positiva, tanto iniciativa dos pais, quanto dos filhos, é uma dimensão importante na relação com a auto-estima. Os resultados mostram que os maiores escores de satisfação da auto-estima estiveram relacionados significativamente com alta comunicação positiva tanto iniciativa dos pais de expressão verbal e instrucional ($F=12,749$; $p<0,001$) quanto iniciativa dos filhos ($F=6,848$; $p<0,05$). Já a comunicação negativa – em que há ameaças, gritos, xingamentos e excesso de críticas – esteve relacionada com menores escores de satisfação de auto-estima dos adolescentes ($F=6,664$; $p<0,05$).

Percebe-se como o diálogo é um elemento importante na interação entre pais e filhos. Pais autoritativos incentivam o diálogo (Baumrind, 1966) e vários estudos relacionaram este estilo parental com auto-estima do filho (Klein & cols, 1996). Na presente pesquisa ficou claro como dar explicações quando necessário, ouvir as dúvidas e os acontecimentos trazidos pela criança, permitir que os filhos falem o que pensam e o que acham, são comportamentos que beneficiam o desenvolvimento dos filhos. Além disso, através da comunicação os filhos podem receber o retorno avaliativo dos seus pais. Segundo Klein e cols. (1996), o retorno avaliativo dos pais para os filhos é a base inicial para a auto-estima e as crianças consideram importante que isso ocorra.

Quanto mais alto o clima conjugal positivo, mais satisfeito o adolescente se percebeu e quando ele percebeu baixo clima conjugal positivo, menos satisfeito ele se considera consigo mesmo ($F=3,432$; $p<0,05$). Nesse resultado apenas as categorias de baixo escore e alto escore de clima conjugal positivo tiveram diferença significativa. Pais que conversam um com o outro, fazem carinho um no outro, elogiam um ao outro, riem juntos, falam bem um do outro, relacionam-se significativamente com a auto-estima dos adolescentes. Tal resultado está coerente com Reppold (2002), que descreve a qualidade da relação do casal como aspecto influenciador do processo de socialização da criança.

Clima Conjugal Negativo foi a única dimensão que não apresentou relação significativa com a auto-estima dos adolescentes ($F=3,107$; $p>0,05$). Apesar de não significativa a diferença entre as categorias, o teste apresentou uma tendência no sentido de os menores escores de auto-estima estarem entre os adolescentes com alto clima conjugal negativo na família e os maiores escores de auto-estima estarem entre os adolescentes com baixo clima conjugal negativo. Percebe-se tal clima conjugal negativo nas seguintes frases de adolescentes de 14 anos: *“meus pais não estão dormindo na mesma cama, meu pai arrumou outra cama e colocou no salão de festas, nem vejo meu pai mais. Isso tudo porque meu pai falou uma vez que um dia iria dar uma facada na minha mãe”*; *“meus pais sempre brigam, e eu gosto muito do meu pai. Eles estão se separando por isso”*.

Adolescentes que relataram receber modelos e valores positivos de seus pais se apresentaram mais satisfeitos consigo mesmo ($F=9,243$; $p<0,05$). A diferença se apresentou significativa entre as categorias de baixo e alto escore e entre baixo e médio escore de modelo. Ou seja, a auto-estima tem uma variação diretamente proporcional com a apresentação de modelos. Klein e cols. (1996), mostraram que a auto-estima é desenvolvida dentro do contexto social que envolve família, pares e professores. Assim, apresentação de

modelos e valores pelos pais contribui para o desenvolvimento de um repertório de comportamento do filho bem como a visão de seu valor, capacidades, significados e sucesso. Frases dos participantes de 13 anos descrevem como os pais são relacionados a modelos e valores: *“Mãe é radical. Pai é liberal”*; *“meus pais são exemplos para mim”*; *“minha mãe é louca”*.

Outro resultado interessante é que os filhos com sentimentos positivos em relação aos pais tiveram escore mais alto de auto-estima ($F=6,172$; $p<0,05$). Esse resultado é significativo apenas entre os adolescentes com médio e alto escores. Os adolescentes (participantes de 13 e 14 anos) que estão mais satisfeitos com seus pais e têm boa relação com eles descrevem: *“meus pais são muito importantes para mim, os melhores pais do mundo”*; *eu adoro meus pais*; *“eu amo eles”*; *“eu sinto orgulho dos meus pais”*; *“meus pais são muito legais, são engraçados, amo eles”*) sentem-se mais satisfeitos consigo mesmo.

CONCLUSÕES

A interação familiar tem especial importância no processo de formação de qualquer indivíduo e o estudo das relações entre pais e filhos tem sido muito valorizado na comunidade científica. Isso porque, por meio da compreensão da relação entre pais e filhos pode ser possível encontrar práticas educativas que contribuam para um melhor desenvolvimento de crianças e adolescentes.

A presente pesquisa verificou que a auto-estima está relacionada com interação social positiva (Vaux, 1988, in Klein & cols, 1996) ao comprovar que adolescentes com auto-estima mais alta possuem interação social positiva no ambiente familiar. Isso significa que uma interação familiar de qualidade – combinando afeto, limite, reforço, diálogo, modelo – contribui consideravelmente para o desenvolvimento de uma maior auto-estima

uma vez que vários comportamentos dos pais podem estar funcionalmente relacionados ao comportamento dos filhos (Alvarenga, 2001).

Assim, este estudo mostrou que quanto melhor for a qualidade de interação familiar melhor é a auto-estima dos adolescentes. Houve relações significativas entre todas as dimensões da EQIF com os escores de satisfação da Escala de Rosenberg, podendo-se concluir que pais que demonstram afeto e envolvimento, verbalizam regras, reforçam, se comunicam de forma positiva, possuem uma relação conjugal positiva e se apresentam como modelos adequados para seus filhos contribuem para que eles construam uma orientação positiva de si.

O resultado desta pesquisa sobre relação entre aspectos da interação familiar, inclusive práticas parentais, e a auto-estima dos filhos adolescentes, está condizente com pesquisas realizadas (Weber e cols., 2003 ; Oliveira e cols., 2002; Pettit e cols., 2001; Costa e cols. 2000) que mostram a relação significativa entre os estilos e práticas parentais com o desenvolvimento psicossocial de crianças e adolescentes.

A importância do resultado deste trabalho se encontra basicamente em dois aspectos. O primeiro refere-se à importância da auto-estima no desenvolvimento dos adolescentes, na medida em que implica uma vida mais saudável. Com maior auto-estima, conseqüentemente, os riscos de depressão diminuem (Bee, 1996) e fatores de resistência ao stress aumentam (Neemann & Harter, 1986, in Klein & cols, 1996).

O segundo aspecto refere-se à importância de se identificar quais variáveis nos comportamentos dos pais podem contribuir com o desenvolvimento mais saudável dos filhos. Comprovou-se que as variáveis da EQIF, com exceção do clima conjugal negativo, promovem alguma influência na auto-estima dos adolescentes. Com essa informação, é possível levar o conhecimento científico para a comunidade auxiliando os pais a

promoverem, no dia-a-dia de sua família, o desenvolvimento e competências de seus filhos bem como sensibilizá-los para uma maior auto-observação. Pettit e cols (2001) mostram que há relações significativas entre o controle psicológico e o monitoramento dos pais e o desenvolvimento dos adolescentes.

É importante que os pais atuais tenham acesso ao conhecimento de práticas educativas que sejam eficazes e que permitam a eles desenvolverem habilidades sociais, repertório comportamental adequado e manterem uma dinâmica familiar voltada ao afeto positivo, envolvimento e comprometimento. Este conhecimento poderia ser passado num trabalho de orientação para pais. Isso contribuiria com o desenvolvimento dos adolescentes, que poderão ser pais amanhã. Dessa forma, outras gerações serão atingidas e, conseqüentemente, toda a sociedade beneficiar-se-ia, pois cada vez mais pessoas teriam condições de promover e se desenvolver e crescer num ambiente familiar saudável.

REFERÊNCIAS

- Alvarenga, P. (2001). Práticas educativas parentais como forma de prevenção de problemas de comportamento. Em: H. J. Guilhardi, *Sobre Comportamento e Cognição*, v.8 (pp. 54-60). Santo André: ESETec Editores Associados.
- Baumrind, D. (1966). Effects of authoritative control on child behavior. *Child Development*, 37: 887-907.
- Baumrind, D. (1997). The discipline encounter: Contemporary issues. *Aggression and Violent Behavior*, 2: 321-335.
- Buri, J. (1988). The nature of humankind, authoritarianism, and self-esteem. *Journal of Psychology and Christianity*, 7(1): 32-38.
- Buri, J. (1989). Self-esteem and appraisals of parental behavior. *Journal of Adolescent Research*, 4(1): 33-49.
- Buri, Louiselle, Misukanis e Mueller. (1988). Effects of parental authoritarianism and authoritativeness of self-esteem. *Personality and Social Psychology Bulletin*, 14(2): p.271-282.
- Chen, X.; Hastings, P. D.; Rubin, K. H; Chen, H; Cen, G. & Stewart, S.L. (1998). Child-rearing attitudes and behavioral inhibition in Chinese and Canadian toddlers: A cross-cultural study. *Development Psychology*, 34(4): 677-686
- Costa, F. T., Teixeira, M. ° P. & Gomes, W. B. (2000). Responsividade e Exigência: Duas escalas para avaliar estilos parentais. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 13 (3): 465-473.
- Darling, N. & Steinberg, L. (1993). Parenting style as context: An integrative model. *Psychological Bulletin*, 113: 487-496.

- Deater-Deckard, K; Dodge, K. A.; Bates, J. E, & Pettit, G. S. (1996). Physical discipline among African American and European American mothers: Links to children's externalizing behaviors. *Development Psychology*, 32(6): 1065-1072.
- Dornbusch, S.M., Ritter, P.L., Leiderman, P.H., Roberts, D.F., & Fraleigh, M.J. (1987). The relation of parenting style to adolescent school performance. *Child Development*, 58: 1244-1257.
- Gecas, V & Schwalbe, M. L. (1986). Parental behavior and adolescent self-esteem. *Journal of Marriage and the Family*, 48(1): 37-46.
- Klein, H. A., O'Bryant, k., Hopkins, H. R. (1996). Recalled parental Authority Style and Self-Perception in College Men and Women. *The Journal of Genetic Psychology*, 157 (1): 5-17.
- Lamborn, S.D., Mounts, N.S., Steinberg, L. & Dornbusch, S.M. (1991). Patterns of competence and adjustment among adolescents from authoritative, authoritarian, indulgent, and neglectful families. *Child Development*, 62: 1049-1065.
- Maccoby, E. & Martin, J. (1983). Socialization in the context of the family: Parent-child interaction. Em: E.M. Hetherington. *Handbook of child psychology*, v. 4. Socialization, personality, and social development (4^a ed., pp. 1-101). New York: Wiley.
- Oliveira, E. O., Marin, O. H., Pires, F. B., Frizzo, G. B., Ravanello, T. & Rossato, C. (2002). Estilos parentais autoritário e democrático-recíproco intergeracionais, conflito conjugal e comportamentos de externalização e internalização. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15 (1): 1-11.
- Pettit, G. S.; Bates, J. E & Dodge, K. A. (1997). Supportive parenting, ecological context, and children's adjustment: A seven-year longitudinal study. *Child Development*, 68(5): 908-923.
- Pettit, G. S., Laird, R. D., Dodge, K. A., Bates, J. E., Criss, M. M. (2001). Antecedents and Behavior-problem Outcomes of Parental Monitoring and Psychological Control in Early Adolescence. *Child Development*, 72: 583-598.
- Renouf, A. G. & Harter, S. (1990). Low self-worth and anger as components of the depressive experience in young adolescents. *Development and Psychopathology*, 2(3): 293-310.
- Reppold, C.T; Pacheco, J.; Bardagi, M. & Hutz, C.S. (2002). Prevenção de problemas de comportamento e desenvolvimento de competências psicossociais em crianças e adolescentes: uma análise das práticas educativas e dos estilos parentais. Em C. S. Hutz *Situações de risco e vulnerabilidade na infância e adolescência: aspectos teóricos e estratégias de intervenção* (pp. 9-51). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Rocha, G. V. M. (2002). *Análise da relação entre práticas parentais e o autoconceito de pré-escolares*. Dissertação de Mestrado (não publicada). Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Infância e da Adolescência. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR.
- Rosenberg, M The Rosenberg self-Esteem Scale. Retirado em 03 de junho de 2003 do Wide Webb: <http://www.bsos.umd.edu/soc/rosenberg.html>
- Rosenberg, M. (1965). **Society and the adolescent self-image**. Princeton, NJ: Princeton University Press.
- Sánchez, A. V. & Escribano, E. A. (1999) *Medição do autoconceito*. São Paulo: Edusc.
- Steinberg, L. (1990). Interdependence in family: autonomy, conflict, and harmony in the parental-adolescent relationship. Em: S. S. Feldman & G. R. Elliott. *At the threshold: The developing adolescent* (pp. 255-276). Cambridge, MA: Harvard University Press.

- Steinberg, L.; Elmen, J. D. & Mounts, N. S. (1989). Authoritative parenting, psychosocial maturity, and academic success among adolescents. *Child Development*, 60(6) : 1424-1436.
- Sputa, C. L. & Paulson, S. E. (1996). Patterns of Parenting During Adolescence: Perceptions of Adolescents and Parents. *Adolescence*, 31(122) :369-381
- Vaux, A. (1988). Social and personal factors in loneliness. *Journal of Social and Clinical Psychology*, 6(3-4): 462-471.
- Weber, L. N. D., Prado, P. M., Viezzer, A. P. & Brandenburg, O. J. (no prelo). Identificação de estilos parentais: o ponto de vista dos pais e dos filhos. Psicologia: Reflexão e Crítica.
- Weber, L. N. D.; Viezzer, A. P.; Brandenburg, O. J. (2003) Validação do Instrumento EQIF (Escala de Qualidade de Interação Familiar). Em: *Anais do XII Encontro Anual da Associação Brasileira de Medicina e psicoterapia Comportamental*, p.276, Londrina, PR.
- Weber, L. N. D., Brandenburg, O. J., Viezzer, A. P.(2003) A relação entre o estilo parental e o otimismo da criança. *Psico-USF*, 8 (1), p.71-79.